



A P A T R I A

ORGAM DA COLONIA PORTUGUEZA

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Anno, 10\$000; Semestre, 6\$000

Redacção, Administração e Typographia
16—RUA BENTO PIRES—16

PROPRIEDADE DE
JOAQUIM DINIZ & FILHOS

O culpado

Ninguem de boa fé e com uma logica sã, abstrahida dos sophismas que de nada servem, senão para desviarem as questões do terreno onde foram lançadas, poderá, afoutamente, declinar para terceiros, a responsabilidade moral, de factos occorridos dalguns annos a esta parte, lezando os interesses da colonia portugueza nesta terra, e que cabe a um só homem, o sr. Ministro Portuguez.

E ninguem o fará, temos a certeza, porque os que apoiam a conducta do representante do nosso governo, junto á Republica Brasileira, ou pela imprensa ou em ródas de amigos, tem formado echo com o clamor geral, de que o declinio do nosso commercio e a falta de garantias que aqui temos, deve-se ao pouco caso com que são tractadas questões de summa importancia, por parte de quem tinha o dever de não descural-as um só instante.

Grande parte de homens sapientissimos que na nossa colonia existem, entregues ao seu labutar diario, desconhecem que em derredor de nós alguma cousa se trama de sinistro; senão, com a hombridade que os caracteriza, já tinham posto um entrave neste estado de cousas, e obrigado o sr. Ministro ou pela persuasão ou pela força, a affastar-se duma apathia que nos degrada e que ha-de, amanhã, acarretar-nos prejuizos enormes.

A completa escassez dos nossos productos, nesta Republica, é, sem duvida alguma, devida ao fracasso da approvação das pautas commerciaes entre o nosso paiz e o Brasil, fracasso que recáe exclusivamente sobre o sr. Lampreia, por não illucidar convenientemente o nosso governo do periclitamento do nosso commercio aqui, se não houver alguma concessão favoravel, aos productos exportados do Brasil, quanto aos tributos e á abolição do imposto do café.

Os productos doutros paizes — como já sensatamente disse o *Portugal Moderno* — vão ser favorecidos com a redução de 40% nas respectivas pautas, podendo, por isso, serem vendidos em condicções mais favoraveis, pois que, numa epocha de verdadeira crise, todos preferem o que se adquire por um preço relativamente mais modico, áquillo que embora de superior qualidade nos fica immensamente cáro.

É tanto o receio de que sejam banidos os nossos productos das praças brasileiras, que o correcto *Portugal Moderno* já poz de parte o seu tom doutrinario para prorromper em lamentos amargos contra,

quem deixa aniquilar por completo o que tantos annos levou a architectar.

Diz, severamente, sobre o assumpto, o querido confrade, em seu ultimo numero :

«Não entraremos hoje na apreciação dos motivos que, por infelicidade da colonia portugueza no Brasil possam ser determinantes de tal enfado, ante a nossa attitude teimosa em tractar de questões que não devem pôr-se de parte, quando muito ao contrario, não só por patriotismo, como por dever moral, por obrigação indeclinavel e por interesse geral, e até propriamente individual, são dignas de attenção, da dedicação, do esforço e dos serviços valiosos dos que pôdem e dos que devem alguma cousa fazer em pról da colonia e da patria que tanto os estima e os galar-dôa.

Amargamente, pois, nos podiamos queixar de tanto desdem pelas nossas palavras, de tanto abandono por interesses tão vitaes do commercio portuguez; queixar, não por causa de nós proprios, que não temos velleidades de oraculo, e sabemos o pouco que valemos, o que entretanto não acontece a muitos; mas por causa da collectividade a que pertencemos, mas em virtude do lustre e credito que é preciso conservar ao nome portuguez, mas pelo interesse, progresso e desenvolvimento da nossa colonia e da terra em que nascemos, que está acima de todas as inconfessaveis considerações de amizade e conveniencia pessoas.

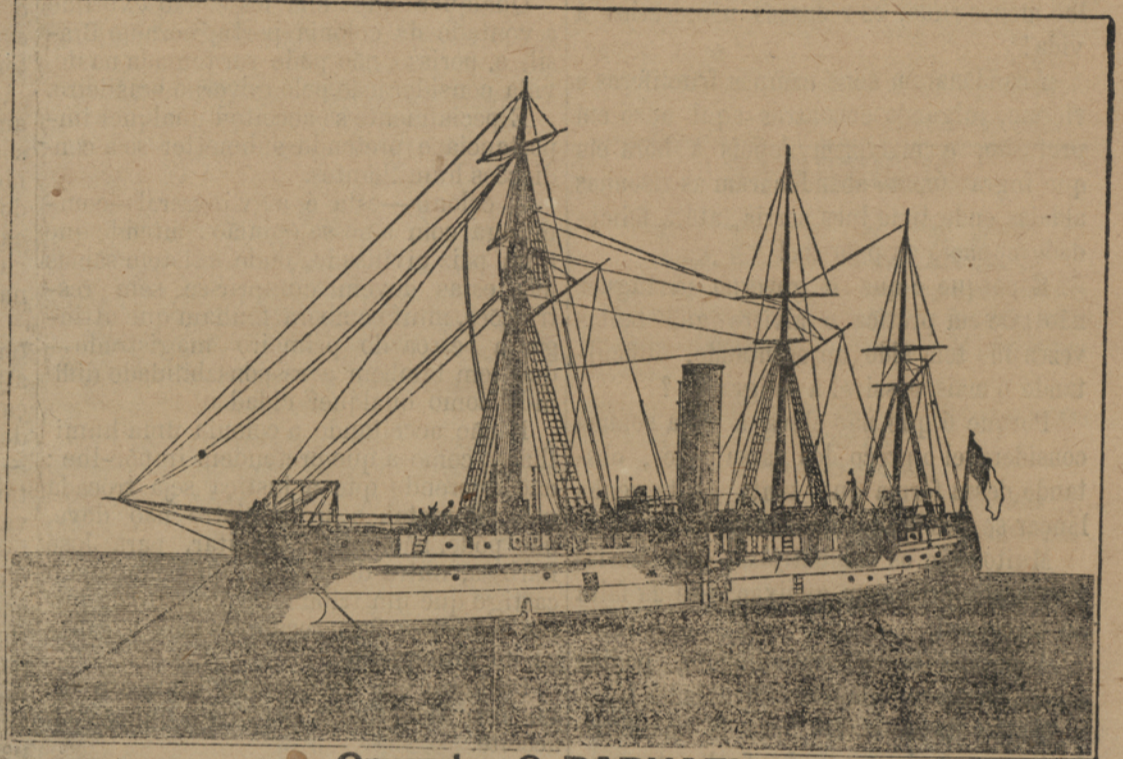
Não o faremos por enquanto, todavia; as amarguras causadas por esse indifferentismo doentio e censuravel, retamol as no intimo; algum dia explodirão em queixumes ou violencias de phrase, quando reconhecermos que não ha esperança de melhora, e quando a desidia chegar a produzir as tristes e funestissimas consequencias que temos prophetisado e que hão-de irremessivelmente dar-se em futuro não remoto.

Então lançaremos claramente a responsabilidade moral e legal dos factos sobre quem competir, e sobre os que podem ainda, com um pouco de boa vontade e patriotismo, evitar em parte a derrocada geral.»

A responsabilidade é do sr. Ministro Portuguez e da camarilha que apoia os seus actos.

A responsabilidade é de quem até hoje não mandou, ao seu governo, um relatorio circunstanciado, acerca de tantos assumptos importantes que estão requerendo sério estudo,

Marinha de Guerra Portugueza



Crusador S. RAPHAEL

A responsabilidade é de quem indolentemente vê declinar no occaso, o sol aurifulgente que circunda o nome portuguez no Brasil.

Digam o que disserem os apologistas do sr. Lampreia: a nomeação para o Brasil de s. excia., como plenipotenciario, truxe-nos o eterno lucto, a desconsideração social, o escarneo constante de todos quantos já nos odiavam e que teem hoje o campo livre para darem curso a vinganças mesquinhas!

Depois, o desdem como eram olhados os nossos interesses, deu margem a que audaciosos ciganos, promovessem campanhas de descredito ás mercadorias procedentes de Portugal.

Todos os esforços tendiam para expulsar nos dos mercados de Santa Cruz.

A Italia, a Hespanha e outros paizes, que invejosos nos olhavam, começaram a collocar os seus productos com falsos rotulos; e, então quando acceites os viram, e preferidos não em qualidade mas no preço, levantaram o rotulo que os mascaravam, e deixaram ver a verdadeira precedencia.

Hoje o nosso commercio aqui é diminuto, porque não ha propagadores, não ha exposições, não ha Camaras de Comercio, não ha sequer um Ministro que se interesse pela prosperidade da nossa patria!

E se fosse só isso!... Não se interessa tambem por nossas vidas que baqueiam a cada passo arrebatadas pelas pontas de traçoeiros punhaes, manejados por féras que dantemão contam com a impunidade! E' pois, o unico culpado de todas as desgraças que nos infelicitam, o sr. Camelo Lampreia,

No proximo numero um artigo do sr. Cunha Neves intitulado

« Ainda o Ministro »

O emigrante

Decididamente os homens que empunham as redeas da governança, no nosso paiz, pouco se preocupam com a vida dos filhos de Portugal.

Embebidos em tricas politicas, ou no louco afan de collocarem os afilhados, não olham com a devida attenção para as estatisticas dos emigrantes que mensalmente lhes são enviadas pelos governadores civis dos districtos, accusando o exódo de grande numero de portuguezes, que fazem sensível falta aos trabalhos campestres, e se aventaram em demandar o desconhecido, sonhando thesouros fabulosos.

Os milhares de infelizes que periodicamente repatriamos, não são a demonstração clarividente de que aqui se lucta mais do que lá, para a consecução do pão de cada dia.

Nesses andrajosos mendigos, que a philantropia de corações magnanimos devolve ao paiz natal, não se devisam os estragos produzidos por um trabalho fatigante que conduz á miseria ou á invalidez.

Parece até que são tomados em pouco caso os nossos esforços e os das sociedades de repatriação, que amanhã, sem recursos para proseguirem na sua missão meritoria, teem de negar soccorros aquem lhe estende as mãos, em virtude de os mais abastados não poderem concorrer para obras tão altruisticas.

O governo portuguez nada disto vê e não toma sérias providencias para refrear a emigração que se faz em larga escalla, para o Brasil, que não pôde, como outr'ora, proporcionar aos seus hospedes as regalias antigas, em consequencia de sua lavoura estar completamente paralyzada,

E quando esses bandos de ambiciosos encontrem, nas fazendas, o trabalho que anciosamente procuram, o que lhes acontece na maior parte dos casos?

Trabalham incessantemente, vendo poucas vezes, o producto dos seus esforços, porque os fazendeiros, embora conscienciosos não pólem pagar-lhes, visto luctarem com ingentes sacrificios para a collocação de suas colheitas.

Que vida a dessa pobre gente, sem recursos para se manter, sem tecto onde se acoite, sem mãos que lhe estendam uma esmola!...

Que vida a desses infelizes, que em sua terra tiravam, de sol a sol, com um trabalho menos rude, os recursos necessarios á vida!

Abandonaram seus campos fructiferos e vieram, julgando encontrar aqui ouro em profusão, e maldizem depois a hora em que ingratamente abandonaram as risonhas aldeias onde tudo lhes sorria, até a felicidade no meio da pobreza!

E porque é que o governo portuguez não põe em pratica o alvitre que tantas vezes lhe tem sido apresentando, dificultando o mais possivel a emigração?

Porque é que não eleva a uma somma consideravel o preço dos passaportes, obstando dessa fórma que tanta gente venha lançar-se nos braços da miseria?

Muitos são os compatriotas que diariamente nos procuram queixando-se da falta de trabalho!

A poucos temos, actualmente, podido servir, mas com quantas difficuldades?

Muitos desesperados, que de sua terra fugiram aos horrores da farda, teem-se visto na horrivel contingencia de se alistarem nos batalhões de policia, para que suas familias não morram á fome!

Quanto é triste e desgraçada a existencia desses infelizes, que, sem calcularem os horrores que os esperam abandonam sua patria, e veem tentar fortuna neste grandioso paiz dos thesouros que se chama Brasil!

Na quinta-feira não circulará nossa folha em consequencia do pessoal typographico nos solicitar suétio em dia de Reis.

Mil vezes, não!

Todos os portuguezes dignos apoiam a nossa opinião sobre a recusa de indemnização pecuniaria que pretende dar o Ministro das Relações Exteriores, do governo Brasileiro, ao espancado do sub-perfeito de Manaus.

E esse applauso á nossa conducta diffine, duma fórma nobre, todos os nossos patricios que collocam a Lei acima de tudo, e que preferem ver-se expoliados dos seus haveres em nome duma justiça honesta, do que accumularem fortunas pactuando com revoltantes infamias.

AS POMBAS...

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... enfim dezenas,
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde se abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes.

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais.

RAYMUNDO CORRÊA

Razão muitas vezes tem havido para se pedirem indemnizações e nunca a alma luzitana se humilhou a exigil-as, principalmente em épocas de revolução em que muitos patricios nossos tem soffrido reaes prejuizos materiaes.

E hoje, o titulo de que a lei é imponente para punir a sobrinho do governador de Manaus que está collocado em paridade com o mais infimo dos cobardes, offerecem-se alguns contos de reis a uma victima do instinto sanguinario do malvado, para que ella disista de qualquer procedimento judicial contra o seu esbordoador.

Não temos conhecimento da resposta que o sr. Ministro Portuguez deu á proposta, que, segundo nos consta, já lhe foi feita.

Qualquer que ella fosse não exprime a vontade da colonia portugueza no Brasil, e, porisso, não póde ser tomada na devida consideração pelo governo brasileiro.

Especialmente se aceitou qualquer importancia e pretende submeter-se a condições hamilhantes.

A colonia—esta é a voz geral—communga com a nossa opinião: entende que num paiz civilisado, onde existem sabias leis, estas devem cumprir-se sem restricções, muito embora tenham que attingir a pessoa do primeiro magistrado—que tem tambem a responsabilidade diffinida como qualquer cidadão.

E não aceitando a colonia uma humilhação como a que pretendem impôr-lhe; não querendo que a justiça seja trocada pelo vil metal, o sr. Ministro não deve, não póde, não ha-de aceitar, para José Barbssa, outra desafronta, que não seja o castigo que um tribunal composto de juizes honestos, faça recahir sobre a cabeça do delinquento.

Dinheiro em desaggravo duma affronta, não deveremos permittir que seja aceite.

Não; mil vezes não!

Interesses commerciaes

PORTUGAL E BRASIL

Lemos na *Mala de Europa* que, satisfazendo a um appello que recebeu ha dias da Associação Commercial da Bahia, accentuando a oportunidade da celebração de um tratado de reciprocidade commercial entre o Brasil e Portugal, e evidenciando a necessidade de se providenciar sobre os elevados emolumentos consulares, cobrados nos manifestos de navio procedentes dos portos brasileiros,—a presidencia do Centro Commercial do Porto dirigiu, ha dias este officio ao sr. ministro dos estrangeiros:

«Illmo exmo sr.—Um dever imperioso, nascido do grito de alarma soltado pelos que em posse de um acrisolado patriotismo, de longe, de além-mar, pugnam na defesa dos interesses portuguezes,—motiva, n'este momento, o appello que o Centro Commercial do Porto tem a honra de endereçar a v. ex.ª, representante illustre e infatigavel dos interesses do paiz no estrangeiro.

A benemerita Associação Commercial da Bahia, em cujo seio o sentimento dos interesses patrios encontra a mais firme guarida, acaba de comunicar a esta associação que, no Senado Federal Brasileiro, se acha em discussão o projecto que reforma a lei da navegação de cabotagem

tornando-a extensiva aos navios estrangeiros, o que equivale a nacionalisar completamente o serviço de navegação *inter-portus*.

Ao esclarecido espirito de v. ex.ª não é preciso apresentar as consequencias que podem advir da pratica de semelhante lei, para os interesses portuguezes, já bastante feridos, em todo o Brasil, e qual a situação que lhes pode ainda ser creada,—desde que um acto de garantia e de segurança não seja praticado, e quanto possivel immediato e conveniente aos dois paizes.

Um tratado de reciprocidade commercial com o governo dos Estados-Unidos do Brasil, facilitando a permuta de artigos de commercio entre os dois paizes celebrantes,—seria, assim nos convecemos, o mais opportuno meio a empregar para evitar mais um agente nocivo á manutenção do nosso trato commercial; quando já aspirações mais largas não caibam no ambito de nossas forças, nem nos impulsos derivados de patriotas que, a cada momento, veem mostrando o caminho abandonado á tenacidade alheia—que provocamos e facilitamos com a inercia dominante em todas as manifestações da vida nacional.

Como consequencia, como recurso a offerecer em semelhante conjuntura, como attenuante aos prejuizos que nos ameaçam; enfim, como signal de que não desdenhamos os nossos interesses no Brasil,—ao governo portuguez cumpriria decretar uma consideravel redução nos elevados emolumentos cobrados nos manifestos do Brasil. D'esta sorte os navios d'elle procedentes poderiam conduzir mercadorias directamente para os portos portuguezes, o que, devido ás excessivas despesas de porte, sómente se pode fazer actualmente por escala de portos continentaes europeus, sobrecarregando, assim, de despesas as mercadorias, sem quem que resulte d'isso o minimo interesse para o thesouro portuguez.

Eis, em summa, o objecto da communicação a que alludimos da patriótica Associação Commercial da Bahia que por esta forma vem despertar em nós o sentimento de um dever, e a comprehensão das circumstancias em que se encontram as relações commerciaes de dois povos com a mesma lingua, com identidade de interesses e ligados pelos indestructiveis laços do sangue e da Historia.

Deus guarde, etc., etc.»

D'este officio foi expedida copia á Associação Commercial da Bahia.»

Estimamos que em consideração seja tomado tal pedido que redunde em grande beneficio dos interesses dois paizes ir mãos.

Collaboração

Perseguidor Cruel

(RESPOSTAS)

OBSERVAÇÃO: Com este artigo encerro a serie de respostas com que venho refutando o artigo do sr Ricardo Figueiredo, acerca do Culto das Imagens.

Entretanto, para ajudar a construir uma idéa perfeita sobre o resultado da nossa polemica, pertendo organizar uma outra parte, em que va synthetizada a materia discutida. Nessa parte, que farei o mais concisa que puder, transcreverei *ipsis verbis*, os argumentos do sr. Figueiredo, para confrontal-os com os que venho de commentar.

Quanto á tradição e á crença dos primeiros seculos christãos, têmho para elucidar uma dupla serie de argumentos, instituidos pelo uso das imagens sagradas, sempre praticado na igreja christã.

A primeira serie é a do uso pratico certificado pelos monumentos da antiguidade christã.

O meu emicente antagonista conhece perfeitamente a archeologia, por quanto, sendo versado em tal theori, não devia ter esquecido em seu artigo, de citar o resultado das indagações sagacissimas que fizeram o douto cardeal Bosio, o sabio padre Marchi, Rossi, Hraus, Wilpert, Woal e outros.

E passa ainda vendado pelos annaes mais importantes da historia romana: dentre outros factos que s. s. devia trazer á luz para confrontos, deixa no crisol do desprezo, os narrações veridicas da historia acerca das multiplas imagens e representações de Christo, da Santa Virgem, de pessões e de scenas biblicas. imagens e representações que se encontram no interior das catacumbas, em baixo de Roma.

Se contemplarmos, tambem, os vasos sagrados de que se serviam os antigos christãos em suas agapes e em seu culto lithurgico, lá veremos outras tantas representações, ora dos apostolos insinuando ao povo agglomerado o caminho do bem e da prosperidade, ora do grande e inçrençto sacrificio atravez das simiosas veredas do Calvario, lá veremos Christo desenhado tal e qual o viram morto na Cruz, os povos da antiguidade, que assistiram a tão horrivel tragedia!

Como experimentado que é em todas as religiões que affectam o sentimento humano, o meu inolvidavel antagonista deve estar mais que sciente daquella linda representação de Christo, sob o symbolo humilde e venerando do «Bom Pastor», representação tão amada pelo povo christão que jamaes se realisára uma agape, uma cœia de fraternidade, onde não se observasse a figura generosa do meigo Nazareno, estampada nas orlas dos copos sagrados.

O proprio Tertulliano, que escrevera do fim do 2º seculo christão, e que o sr. Ricardo cita como inimigo do culto das imagens sagradas, nos affirma que essa sympathica representação do «Bom Pastor» nos copos e vasos sagrados, era no seu tempo uma pratica familiarissima e generalisada nas legiões de fieis,

ADRIANO PINTO

Continúa

O crime de Corropira

Officialmente fomos informados de que carece de fundamento a indicação que de Campinas nos derem, asseverando ter sido absolvido por unanimidade de votos o chefe da Estação de Corropira, que corbaradamente assassinou um nosso estimavel compatriota.

O criminoso, julgado em Jundiahy, foi absolvido pelo voto Minerva, mas conserva se preso, até decisão do Tribunal de Justiça de S. Paulo, onde o processo existe, em grau de recurso.

Que este circumpecto tribunal, que nos parece ser composto de magistrados que que nunca poluiram a tóga que vestem ao contacto da infamia, façam cahir todo o rigor da lei sobre a cabeça do miseravel bandido.

SIMPLES...

Encontrei-o. Este simples campezinho
Tinha a tristeza á flor dos olhos leaes;
Certo, pensei, é duro o seu destino,
E chora alguém que não existe mais...

Vi-o de joelhos, pallido e franzino,
Beijando, em pranto, entre doridos ais,
As petalas de um lyrio elabastrino
Que desabrochou, alli, nuns lyriaes...

Porque, lhe perguntei muito de brando,
Porque tristonho, assim, te desconfortas
E beijas esse lyrio, assim, chorando?

—Porque, disse-me erguendo os olhos francos,
Minha noiva morreu e as noivas mortas
Transformão-se, senhor, em lyrios brancos.

HELVIDIO SILVA

FERVET AMOR

Dá para a cerca a estreita e humilde cella
Dessa que os seus abandonou, trocando
O calor da familia amano e brando
Pelo claustro que o sangue esfria e géla.

Nos florões manuelinos da janella
Papéam aves o seu ninho armado,
Vêm-se ao longe os trigos ondulando...
Maio sorri na pradaria bella.

Zumbe o insecto na flôr do rosmaninho;
Nas giestas pouxa a abelha ébria de gozo:
Zunem bezouros e palpita o ninho.

E a feira scisma e córa, ao vêr ancioso
De seu catre virgineo sobre o linho
Um par de borboletas amoroso.

GONÇALVES CRESTO

Uma idéa nobilissima

O NATAL DOS PORTUEZES NO BRAZIL

LISTA DE UBERABA	
Quantia já publicada	542\$200
Manoel Teixeira Andrade	5.000
Manoel da S. Silvestre	5.000
Joaquim Baptista	2.000
Manoel Cantauno	2.000
José da Silva	2.000
João Pinheiro	1.000
Antonio da Silva	1.000
Manoel Baptista	5.000
João Estevão	1.000
Sebastião Pedro	1.000
João Ferreira	1.000
José Monteiro	1.000
José Pereira	1.000
Joaquim Silva	1.000
Carlos Barros	1.000
José Costa	2.000
Antonio Coimbra	1.000
Joaquim Perdigão	1.000
Manoel Lourenço	1.000
Gauelencio Lopes	2.000
Manoel Fечи	1.000
João Martinho	1.000
Antonio Machado	2.000
Antonio da Silva	1.000
Manoel Lopes	1.000
Antonio Araújo	3.000
Manoel Alves	1.000
Jerouimo Ventura	1.000
Albino Ferreira	2.000
Antonio Fernandes	1.000
João Cruz	1.000
Florindo da Silva	1.000
Hygino Pereira	1.000
José Rozete	2.000
Luiz Seabra	1.000
Manoel da Silva	1.000
Um anonimo	1.000
José Domingos	1.000
João Gabossa	1.000
Joaquim José Domingos	2.000
Antonio Espoza	1.000
Manoel Correia	1.000
Um Portuguez	2.000
Antonio Jacinto	2.000
Dona Anunciata	1.000
Dona Georgina	1.000
Zulmiro Siqueira	1.000
José dos Santos Moderno	2.000
Luiz Fagundes	500
José Rodrigues	2.000
José Rib'iro e Familia	3.500
Manoel Nogueira	1.500
Anna Nogueira	1.500
Antonio Agostinho	1.500
Antonio Ferreira	1.000
Antonio da Souza	1.000
Chrizogno Salomão	1.000
Sebastião de Oliveira	1.000
Balthazar Rodrigues	500
José Maria Rodrigues	2.000
Joaquim Domingos	1.000
Antonio Pereira	1.000
Paulo dos Santos	1.000
José Machado	2.000
José Póvoa	1.000
Fortunato Prado	1.000
José França e Familia	5.000
José da Silva	1.000
João Alves	1.000
Manoel Leitão	1.000
Joaquim Francisco Costa e Familia	2.500
Casemiro Pereira	1.000
Augusto Queiroz	1.000
Joaquim dos Santos	1.500
Manoel Marques	1.000
Manoel da Costa	1.000
José Bento	1.000
Luiz de Oliveira	2.000
Joaquim de Souza	1.000
José Murta	1.000
Joaquim Brazão	1.000
Sebastião Souza	1.000
Dona Rosa de Morães	1.000
José Baptista	500
Manoel Marques	1.000
Joaquim Alves	1.000
João da Silva	1.000
José Manoel	1.000
David José	1.000
José Pacheco	2.000
Manoel Gaspar	1.000
João Thimothio	2.000
João Mario	500
Joaquim Nogueira	500
Manoel Martinho	500

Francisco Simões	500
Jeronimo Machado	2.000
Miguel Machado	500
José Lourenço	500
Mancel dos Santos	500
Mancel da Silva	2.000
Francisco Ferreira	1.000
Manoel Gomes	500
Manoel Mouco	500
José Maria Silvestre	2.000
Mancel Assana	1.000
Manoel Silvestre	1.000
José Etevão	1.000
Adelino Bulha	5.000
Arnaldo de Souza	2.000
Manoel Regula	2.000
Manoel Correia	1.000
José Loureiro	500
Manoel Margato	2.000
Manoel Alves da Costa	5.000
Venencio dos Santos Carpinteiro	500
João José Ferreira	1.000
Antonio de Almeida	5.000
David Cattalau	1.000
Antonio Martius Pereira (Pernambuco)	2.000

LISTA DE BATATAES	
João da Costa Patrão	1.000
José Annibal da Silva	1.000
Manoel de Oliveira Fresco	1.000
Joaquim Miguel	1.000
Alvaro Laga	1.000
Manoel Fernandes d'Assunção (S. Paulo)	1.000
Damiano da Pena (idem)	1.000
José de Mello (idem)	3.000
CAMPINAS	
Manoel Alves	2.000
Joaquim Carlos	2.000
José Barbeiro	2.000
Joaquim José Martinho	1.000
José Maria de Mattos	2.000
Um anonymo	1.000
José Tavares (Tombadouro)	2.000
José da Cunha (Pianguéiras)	1.000
Total	725\$200

Como seja ainda diminuta a importância recebida para levarmos a Cabo a missão a que nos impuzemos, e como muitas promessas tenhamos de obulos para o supradito fim, rogamos aos nossos bons compatriotas a fineza de nos trazerem o seu auxilio, para que 5 viúvas rodeadas de desditosos orphãosinhos, na maior miséria, regressem ao paiz natal. E Deus agradecerá, despensando felicidades, aquelles que enchugaram as lagrimas dos tristes.

FACTOS E BOATOS

1904—Despedimo-nos, sem saudade, do 903, para entrarmos no Anno Novo. E que saudades nos poderiam ficar dum periodo calanitoso, em que presencéamos as maiores affrontas feitas á bandeira das Quinas e ao velho e glorioso Portugal?! Absolutamente nenhuma, porque a tel as era necessario que um estendal de misérias não observassemos por toda a parte, desiludido aquelles que, confiantes num futuro roseo, abandonaram sua aldeia e vieram expor-se a milhares de inclemencias; era necessario que cerrassemos os olhos em face do immenso corollario de crimes que nos tem enlutado; era preciso que não comprehendessemos a perseguição odiosa que nos movem, ou não vissemos, pelo prisma da realidade, a fórma desdenhosa como a justiça escuta as nossas queixas.

1903 foi tetrico, em demasia, para a colonia portugueza domiciliada no Brasil; oxalá que o anno ora iniciado, nos traga dias de mais ventura, de mais orença e de mais consideração por parte dos que tem o dever de nos tractar com fraternal carinho.

Desejariamos, ao terminal-o, se o nosso braço não estivesse já paralyzado pela algidez do tumulo, proclamal-o como o anno da verdadeira luz, da consciante justiça, da sã civilização.

Boas-Festas—Ainda as recebemos em attentos cartas e cartões, que reconhecidos agradecemos, dos nossos bons amigos srs. M. Pinto Monteiro, José Antonio de Figueiredo, Joaquim Cerqueira e ex.ma esposa, Joaquim Cordeiro, Cunha

Neves, Commendador Bernardino M. de Abreu, Orphão do *Abrigo Santa Maria*, Antonio M. B. Lopes, Antonio Francisco Pereira, Gremio D. e Litterario Porto Ferreira, Commendador Daniel M. d'Abreu João Ferreira Pombo e João d'Araujo Coutinho.

Canhoneira «Patria»—Por equívoco dissemos que havia, no dia 27 do mez passado, sido lançado ao mar, este formoso barco de guerra, quando queriamos noticiar que fóra entregue ao governo portuguez, pelos delegados da grande Comissão no Rio de Janeiro, e que são o sr. Conselheiro Augusto de Castilho, official da armada portugueza, e Visconde de Sande actualmente de visita em Lisboa.

Fica, assim, desfeito o equívoco.

XXII anniversario—Completaram-se, no dia 31 de mez passado 22 annos, que foi abe ta nesta capital pelo nosso bom compatriota, sr. Julio Antunes de Abreu, uma agencia de loterias, que dia a dia va ficando de sobremansera acreditada, pela lisura de seus negocios e pela enorme quantidade de prêmios que annualmente distribue a seus numerosos freguezes.

O sr. Abreu, que é um sympathico cavalheiro e um portuguez sem jaça, recebe por tal motivo nossas felicitações, e greia nos sinceros votos que fazemos pelo seu progresso crescente.

Côrtes Portuguezas—Deveriam ser abertas hontem, com a solemnidade costumada e comparencia de S. M. El-Rei o sr. D. Carlos, as côrtes portuguezas. E-nos, por emquanto, desconhecida a mensagem de El-Rei e porisso nada podemos dizer como se referencia aos negocios interiores e exteriores.

Para Portugal—Embarca, no dia 4, no vapo *Clyde*, para a no-sa patria, a matar as saudades que o pungiam, acompanhado da sua esposa, o nosso bom amigo e compatriota sr. Lino Antonio, acreditado negociante desta praça.

Optima viagem é quanto lhe desejamos, agradecendo penhorados as despedidas que nos trouxe.

Vinhos falsificados—Uma folha desta capital, que vé luz diariamente, comprometteu se a perseguir afanosamente os falsificadores de vinhos do Porto e outras bebidas estrangeiras, que existem nesta cidade.

Anhelamos que dê principio á sua missão, para acompanharmos o valente jornal em tão nobre quão proficuo tentamen de extremínio.

Visita—Honrou-nos com sua amavel

visita deixando nos um cartão de boas-festas, o nossos compatriota, sr. Leurenço Placido Camposana, dedicado auxiliar duma das folhas portuguezas, que se publica no Rio de Janeiro.

Penhoradissimos agradecemos a visita e anhelamos-lhe as maiores prosperidades.

Despedida

Partindo no dia 4 para a Europa onde vou passar algum tempo, e não me permitindo os muitos affazeres despedir de todos os meus amigos, faço-o por este meio, offerecendo-lhes em Portugal meus prestimos, e, scientificando-os de que deixo meu bastante procurador o sr. José Luiz da Silva Mello, com poderes bastantes para tractar de meus negocios.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

Lino Antonio.

ANNUNCIOS

LEIAM!

Que não terão de arrependor-se
No quarto n.º 1 do Mercado Velho, onde se acha estabelecido Antonio M. da Silva encontra se

Superior atum da Madefra, Polvo novo,

Pescada, Congro e carnes

de todas as qualidades que se ven lem por preços sem competencia.

Visitae o Mercado Velho (Ladeira João Alfredo) - Quarto n.º 1

S. PAULO

OFFICINA DE FUNILEIRO

Albino dos Santos Balthar

RUA JOAO THEODORO, 23-B

Nesta acreditada officina confeccionam-se, por modicos preços, todos os objectos concernentes á arte.

Especialidade em caixas para corôas de finados, executando-se os mais apurados desenhos.

Todas as encommendas devem ser feitas a

Albino dos Santos Balthar

Rua João Theodoro, 23-B

SAO PAULO

AGENCIA GERAL

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL
39 RUA DIREITA, 39

Julio Antunes de Abreu

GRANDE LOTERIA

Primeira do anno novo
PREMIO MAIOR

Integraes **200.000\$000** Integraes

EXTRACÇÃO em 9 de Janeiro de 1904

Este grande premio foi vendido no varejo desta importante agencia, sabbado 7 de março

A preferencia para a compra de bilhetes desta grande loteria deve ser dada por todos os motivos, a esta antiga e acreditada AGENCIA GERAL.

UNICA casa que já vendeu, por 3 vezes no seu **UNICA** varejo, o grande premio de 500 contos

Os pedidos do interior devem ser dirigidos ao Antigo agente geral e actual representante da Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Julio Antunes de Abreu

RUA DIREITA 39

Casa filial, Rua do Thesouro n. 5

Caixa do correio, 77

S. PAULO

BANCO COMMERCIAL DO PORTO

Capital realizado: 7.000 contos fortes

CAUÇÃO NO THEZOURO FEDERAL 100:000\$0000

AGENTES EM SANTOS

BENTO DE CARVALHO & COMP.

Rua 15 de Novembro N.º 42

Saques sobre:

PORTUGAL, ILHAS, HESPAÑA E ITALIA

CORRESPONDENTES EM:

Hespanha—*Credit Lyonnais*, de Madrid e suas 1.500 agencias

Italia—*Credito Italiano*, de Genova. Pagamento em todas as localidades onde haja agencia postal.

Fornecem-se cartas de credito e de mensalidade, e fazem-se pagamentos por ordem telegraphica.

Promovem-se cobranças, liquidações e transferencias

As letras dos saques dão-se immediatamente

RUA 15 NOVEMBRO N.º 42 — SANTOS

PRODUCTOS SUINOS

Como sejam: carnes defumadas, costellas, chispes, linguiças em banha, idem secca, manteiga e banha, sendo todos estes productos de casas particulares de Joinville, assim como velas de cera e de stearina, sabonetes de coco e glicerina. Todos estes artigos de 1.ª qualidade e por modicos preços.

Vendem-se na casa VIEIRA

Largo da Imperatriz, 97—SANTOS

A' DOMESTICA

(ANTIGA CASA MAIMONE)

Bento F. dos Santos Martins

Casa especial de Ferragens Finas e Grossas

Baterias de cozinha, Louças, Porcellanas
Metaes, Cutillarias

Christaes e todos os utencilios de utilidade Domestica.

Officinas de Ferreiro, Funileiro e Gazista

Ferro em barra, tintas, oleos e vernizes, fogões, filtros e artigos americanos

SERIEDADE AGRADO E BARATEZA

Rua General Camara N.º 164—SANTOS

O RELAMPAGO

A Nova Empreza de Ornamentações
PARA GALA E FUNERAES

— DE —

INNOCENCIO AUGUSTO CORREA PORTUGAL

SANTOS Rua General Camara—40 SANTOS

Encarrega-se de Ornamentações de Igrejas, Ruas, Coretos para musica Altares para casamento, Eças para missa do 7.º dia, Caixões para anjos e adultos, de diferentes desenhos, Coróas de bisquit e panno, Grinaldas para anjos, Palmas para igreja, em cambraia, panno e canutinha.

Opas para irmandades, Vestimentas para anjos, de procissão, Illuminação veneziana, Balões etc.

Lampadas em todos os tamanhos para igreja e oratorios, Lustres, Castiças e Caldeirinhas; Sinos grandes e pequenos. Tambem se accieitam sinos quebrados em troca, e muitos outros artigos para igreja e sacerdotes.

Bentinhos, e orações de santo Onofre Imagens em vulto, Estampas de todas as invocações, Rosarios de conta, Livros para missa, Milagres de cera e Cêra em vellas, Ouro em fio para bordar, Emblemas e Bonets para alfandega e docas, Fumos e Peitinhos para luto, Grinaldas e Véos para noivas, Espelhos com imagens de todas as invocações.

Grande fabrica de bandeiras em filel e seda, tanto para nacionalidades como para sociedades, fitas de seda e distinctivos de todas as nacionalidades, trabalhos com a maxima perfeição e presteza

Preços sem competencia

VER PARA CRÊR

TELEPHONE 246